

EIRAS

Elementos para o estudo tipológico da construção rural

Por

MARGARIDA RIBEIRO

Os trabalhos eruditos de D. Luís de Castro, do Prof. Doutor Herculano de Carvalho e de outros esclarecidos autores, a quem se devem estudos sobre os sistemas de debulha usados em Portugal e de práticas e de costumes a eles associados, sugeriram-nos a ideia de registar os vários tipos de eiras circulares, ainda vivos, como processo prático de fechar e utilizar um espaço totalmente funcional.

Damos conta de tal pesquisa, informando de que nos preocupou anotar, como documento de processos tradicionais, sobreviventes, nesta data, algumas das soluções técnicas já estudadas, relativamente a construção e exploração agrícola, com o objectivo de contribuirmos para o estudo comparativo e evolução dessas mesmas técnicas.

É, sobretudo no Alentejo, no Ribatejo do Sul e na zona norte do Algarve, que se observa maior número destas construções circulares, apresentando, geralmente, uma extensão de 8 a 15 metros de diâmetro.

Praticadas na superfície mais horizontal do solo, as eiras, nas quais se procede à secagem e debulha de cereais e de legumes secos, favorecendo o convívio humano, no aspecto social e lúdico, encontram-se disseminadas pelos latifúndios e por algumas zonas onde o minifúndio se implantou.

Na preparação da sua forma mais simples e de carácter temporário subsiste a técnica antiga, que passamos a descrever:

O terreno é limpo de cardos e de outras ervas, é submetido a uma cava que atinge a profundidade máxima de 20 cm e, depois de alisado com o ancinho, é molhado, abundantemente e por diversas vezes, a fim de se obter uma pasta mole, em toda a superfície, que é comprimida e batida, logo que perca o excesso de humidade.

Na «rega» do terreno, como ouvimos dizer, utiliza-se, ainda, como era comum nos concelhos de Avis e Fronteira, uma pipa mal vedada ou rota, colocada sobre um carro puxado por uma parrelha de mulas, que se deslocam do centro para a periferia, em voltas circulares e contínuas.

Decorrido o tempo necessário para deixar infiltrar a água até certa profundidade do solo, ligando a terra, um rebanho de ovelhas ⁽¹⁾



Fig. 1

Eira de Bicada (Espírito Santo — Mértola). Secagem de molhos de palha de centeio, destinados a uma enxerga

(1) A referência desta prática, tão comum no latifúndio alentejano, não exclui, como se deduz, o emprego de rebanhos mistos, de cabras e de ovelhas, e, até, de porcos, como observámos em Almodôvar.

penetra no recinto, realizando, à voz do pastor, sucessivas voltas, num sentido e no oposto, a fim de o comprimirem e alisarem toda a superfície.

Esta operação efectua-se, de um modo geral, em fins de Maio, procedendo-se à «pisa» do terreno, nas últimas horas da tarde, de acordo com a temperatura observada, permitindo que o enxugo se faça, lentamente, durante a noite.



Fig. 2

Eira do Monte do Panaças (S. Lourenço — Estremoz). Notar, à direita, a abertura para facilitar a descarga e entrada no recinto

A experiência aconselhou este procedimento nocturno nas terras mais fortes e argilosas, obstando a que o solo abra fendas, sob a acção do calor solar excessivo e da brusca evaporação da água que contém.

No Ribatejo do Sul, como notámos na aldeia da Glória, é costume transportar para o recinto destinado à eira certa quantidade de solão ou de argila que se espalha em toda a superfície utilizável, obtendo-se, desta forma, a adesão da terra, em virtude de predominarem, ali, os solos arenosos.

Eiras deste tipo são depois varridas, demarcando-se a curva periférica com auxílio de uma enxada sobre o traçado original, obtido com o rasto mais externo do rebanho.

Apesar da generalização da debulhadora mecânica, este tipo de eira, em algumas regiões do Alentejo, pode associar-se ao uso do trilho e da *debulha à rédea*, isto é, com auxílio de um muar que, preso pelo meio ou pelo extremo da rédea, realiza, em torno do homem que o segura e incita, sucessivas marchas sobre o cereal depositado no chão.

Nos lugares onde a eira tem um carácter permanente, mostrando ser, por vezes, um anexo da habitação no qual se executam determinados serviços ligados à vida doméstica, como secagem de lã e de panos, secagem de figos e de outros frutos, preparação de palhas para enxergas e colchões, limpeza de vasilhame, etc., observámos, além de outros casos intermédios, cinco tipos de eiras que revelam certa evolução arquitectónica, determinada, comumente, pelo factor económico



Fig. 3

Calco do Lugar da Cova (Galegos, S. Martinho — Barcelos), praticado numa depressão artificial e junto da habitação

e em consequência do abandono da técnica tradicional. Apresentam as seguintes características:

a) Pavimento natural, demarcado, em parte ou em toda a extensão circular, por uma fieira de pedra seca.

b) Pavimento natural circundado por um pequeno muro de alvenaria.

c) Pavimento natural, rectificado ou planificado, totalmente, utilizando lâminas de xisto, fragmentos naturais de outra rocha, que possua uma superfície plana, ou empregando barro ou cimento. Pavimentos deste tipo vêem-se protegidos, geralmente, em toda a curva, por um muro de alvenaria ou de pedra seca.

d) Pavimento artificial, realizado acima do nível do solo, com emprego de vários materiais ligados e revestidos de cimento, e envolvido, em quase toda a extensão periférica, por um pequeno muro de alvenaria.

e) Pavimento artificial, realizado acima do nível do solo, com emprego de ladrilho, e circundado, na maior parte da zona periférica, por um pequeno muro do mesmo material, como pode notar-se, por exemplo, no concelho de Loulé.

O primeiro destes tipos pode considerar-se como determinante do meio geográfico e em função do minifúndio, nas zonas caracterizadas por rochas dos grupos Carbónico (Vestefaliano, Moscoviano e Dinaciano), Devónico (Superior) e Silúrico (Inferior) ⁽²⁾.

São muito representativos os exemplos que estudámos na Serra de S. Barnabé, no lugar de Pé-de-Boi (Almodôvar), em Mértola e em Monsaraz.

O xisto, pela estrutura laminar que possui, é a rocha ideal para este tipo de eiras, cravando-se, no solo, os respectivos fragmentos naturais, que assinalam, em parte, ou fecham, totalmente, a curva.

Como exemplificação deste tipo elementar do minifúndio e da eira do latifúndio, observem-se as figuras que representam uma eira de Bicada (Espírito Santo — Mértola) (n.º 1) e outra do latifúndio, existente no Monte do Panaças (S. Lourenço — Estremoz) (n.º 2).

(2) *Carta Geológica de Portugal*, escala de 1:1 000 000, 1952.

Construções derivadas ou afins dos tipos mais elementares que indicámos, embora apresentando menores proporções, podem ver-se no Alentejo, no Minho e na Beira Alta, junto das habitações humanas ou no seu interior, nas zonas rústicas, respectivamente, de Alcáçovas, Alvito, Barcelos, Vila Verde e Santa Comba (Vila Nova de Foz Coa), impròpriamente designadas por «eiras» (*).



Fig. 4

Calco do Lugar de Tomadías (Areias, S. Vicente — Barcelos), construído acima do nível do solo

Tais construções encontram-se representadas pelas *locas* (s. f. pl.) alentejanas, pelos *calcos* (s. m. pl.) minhotos e pelas *preseiras* (s. m. pl.) de Santa Comba, aldeia do referido concelho de Vila Nova de Foz Coa.

Com o nome *loca* se refere uma construção elementar do tipo da eira de Bicada, cujo espaço natural e circular é demarcado com lajes cravadas, verticalmente, no solo. Servem para depositar e preservar feixes de ramos secos e lenha grossa.

(*) Na zona de Alcáçovas, ouvimos dizer: a *loca da lenha*, a par de *eira da lenha*. Em Vila Verde e na área de Cabanelas, registámos, com igual frequência, a designação: *eira do barro*.

O nome *calco* aplica-se para referir o pavimento circular, totalmente revestido de lajes e realizado numa depressão, obtido artificialmente para tal efeito, ou construído acima do nível do solo, como sucede com a construção similar designada por *preseira*. Utilizam-se para esmagar o barro e amassar a pasta, com auxílio de bois (Minho), ou de um burro (Santa Comba), empregada na olaria da região.

Tais construções afins estão associadas, como se nota, à economia do lar e ao exercício de uma indústria, cujos processos técnicos e tradicionais se encontram preservados.

As fotografias que tirámos nos lugares da Cova (n.º 3) e de Tomadias (n.º 4), nas freguesias de Galegos e de Areias, concelho de Barcelos, dão uma ideia dos mencionados *calcos* minhotos, a cujo segundo tipo correspondem as *preseiras* que observámos no concelho de Vila Nova de Foz Coa (*).

RESUMÉ

L'auteur registre les divers types de places circulaires où l'on bat les grains, en résultat de l'application, encore vivante, du procès pratique de fermer et utiliser un espace totalement fonctionnel.

Ces emplacements présentent, outre l'avantage du sol mouillé et amollié, comprimé à l'aide de la marche successive d'un troupeau, aussi la forme plus développée, qui se présente d'après les conditions mesologiques, par les expressions suivantes:

Emplacement naturel pourvu d'une enfilade de pierres ou d'un petit mûr, solidifié, ou d'emplacement dallé ou couvert de briques ou ciment, entouré d'un mûr.

(*) Dispensámo-nos de qualquer anotação bibliográfica, em virtude de se encontrar publicada a mais importante bibliografia sobre o assunto, no capítulo respectivo da obra da autoria do Sr. Benjamim Enes Pereira, BIBLIOGRAFIA ANALÍTICA DE ETNOGRAFIA PORTUGUESA, Lisboa, 1965.

